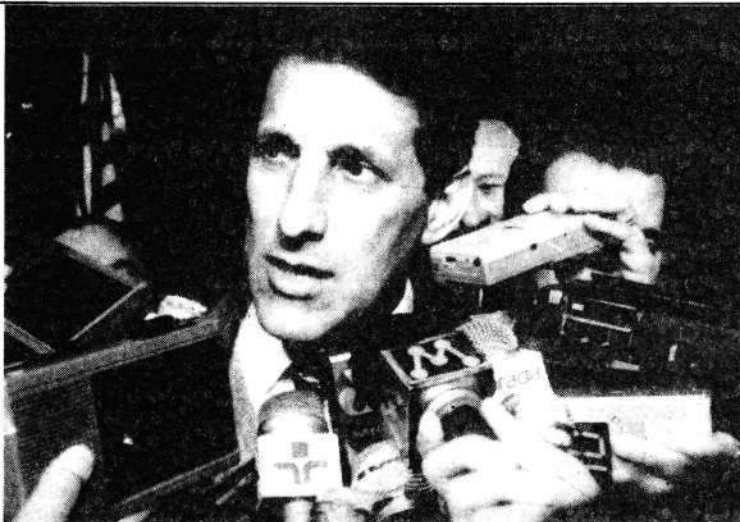


Política

ELEIÇÕES

Depois de conversar uma hora com o presidente Sarney, o governador de São Paulo, Orestes Quércia, saiu dizendo que não é candidato à sucessão. E garantiu: Sarney não lhe pediu nenhum empenho na Constituinte.

Quércia vai a Sarney e fala em 5 anos.



Quércia saiu do Palácio dizendo que...



... Sarney não pediu empenho pelos cinco anos.

Orestes Quércia para presidente da República e José Serra para prefeito de São Paulo, em novembro. Mário Covas para governador de São Paulo, em 1990, podendo Fernando Henrique Cardoso "ser tudo o que quiser no País", a partir do ano que vem. Almino Afonso, é claro, no governo paulista, sucedendo a Quércia.

Essa fórmula foi submetida faz pouco, aos senadores Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, pelo vice-governador de São Paulo, Almino Afonso. Ulysses Guimarães e Franco Montoro ficaram de fora, mas haveria a vice-presidência para negociar, na chapa de Quércia.

Ninguém falou nada; nem sim, nem não. Mário Covas, também um candidato potencial à Presidência da República, sabe que suas chances diminuíram, mas hesita em apoiar Quércia. Prefere, por mais paradoxal que pareça, Antônio Ermírio de Moraes, e já ensaiou uma tentativa de trazê-lo para o PMDB, certo de que fora do partido o empresário não terá condições. Fernando Henrique Cardoso sente-se meio logrado com a proposta, pois ser "tudo o que quiser no País", afastada a Prefeitura de São Paulo, o governo do Estado e a Presidência da República, sobria a quê?

Os parágrafos acima parecem o samba do crioulo doido, ou do paulista doido, mas correspondem exatamente às conversas havidas de domingo para cá, nos meios políticos. A quase certeza da realização de eleições presidenciais, este ano, leva grupos e pessoas ao paroxismo, cada qual pretendendo amarrar antes dos outros os esquemas que melhor sirvam a seus interesses.

Eleições! E começa o samba do crioulo doido.

No caso do PMDB e da Presidência da República, parece evidente que ninguém tirará a indicação do deputado Ulysses Guimarães, se ele quiser ser indicado. O governador Quércia sabe disso, e declara que não disputará eleições presidenciais, este ano, tendo em Ulysses o seu candidato. Pode não ser exatamente assim, mas numa empreitada Quércia se empenha: derrotar Franco Montoro, outro candidato presidencial peemedebista. Entre os dois, de longe prefere Ulysses. Por isso não toma conhecimento da proposta de seu vice-governador.

Uma parte das especulações e conversas no PMDB, a partir da apresentação da candidatura de Ulysses Guimarães, refere-se ao seu companheiro de chapa, se mantido o presidencialismo pela Constituinte. O governador Moreira Franco, do Rio de Janeiro, é sério candidato, ainda que Ulysses, in pectore, prefira outro fluminense, o ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães. Só se sabe que não será um paulista, ainda que Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso ou um empresário desligado da política pudessem trazer maiores dividendos eleitorais.

De qualquer forma a sucessão não apenas passa, mas pode ficar em São Paulo. No PMDB, não se duvida de que Antônio Ermírio de Moraes acabará candidato, lançado pelo PTB, apoiado pelo PDS e, com um pouco de sorte, também pelo PFL. Entre os liberais, há um processo de erosão da candidatura Aureliano Chaves, antes natural, hoje duvidosa. O que conduz a raciocínio geográfico posterior: e Minas? Minas tem no ex-vice-presidente da República uma indicação natural, que não deixa de sensibilizar o próprio governador Newton Cardoso. Com alguns complicadores, é certo, pois o ex-governador Hélio Garcia prepara-se para bancar a Fenix e renascer das próprias cinzas, lançando-se à vice-presidência. Na chapa de quem? Se for possível, na de Ulysses Guimarães, mas, se não der, porque não na de Leonel Brizola? Outra opção para acompanhar o caudilho seria, também ironicamente, a do ex-governador de Pernambuco, Roberto Magalhães. De qualquer forma, Brizola disputará a eleição, tornando-se um lobisomem na medida em que, no PMDB, teme-se mais a sua candidatura do que a de Antônio Ermírio de Moraes ou Aureliano Chaves.

O importante a ressaltar dessas informações e especulações, feitas ontem nos corredores da Assembléia Nacional Constituinte, é que prendem a atenção de deputados e senadores mais do que o texto do projeto de nova Constituição. Sinal dos tempos.

Carlos Chagas

Eleições gerais: quem concorda com essa "utopia"?

Defender eleições gerais já em 1988, como fez o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, só pode ser interpretado como o reconhecimento das Forças Armadas da "debilidade" do governo Sarney, na opinião de parlamentares mineiros. "Se eleições gerais forem um rémédio para a Nação, que ele seja aplicado a todos os que padecem de falta de credibilidade", concordou ontem o governador do Paraná, Alvaro Dias — ele próprio disposto a entregar seu mandato. O governador paulista Orestes Quércia, porém, não interpretou a declaração do ministro como uma defesa de eleições gerais. "Foi um argumento que ele usou", disse. "É o mandato presidencial que está em jogo."

Interpretações à parte, a maioria dos políticos detentores de mandatos executivos confessa sua preferência por eleições gerais ainda este ano, coincidindo com a escolha do presidente da República. O prefeito de Curitiba, Roberto Requião, é um deles, embora acredite que tal tese seja utópica — "os constituintes não deverão aprová-la". "Eleições gerais podem ser chamadas de Joana D'Arc self service", ironiza Requião. "O Congresso não se vai autodissolver. Se fizesse isso, seria o mesmo que a Joana D'Arc plantar um palanque, juntar a lenha e botar fogo em si mesma."

A declaração do general Leônidas, contudo, teve o mérito de ser coerente em relação às aspirações populares, conforme dedução do deputado estadual Ademir Lucas, ex-líder do governo Tancredo Neves na Assembléia mineira. "Quando o general falou em eleições gerais, na verdade quis apenas dourar a pilula para não dizer que as Forças Armadas estão a favor dos quatro anos de mandato para Sarney", ponderou Lucas. "É o político que não acatar esta tese estará fora da realidade."

O líder do PFL na Assembléia mineira, Milton Salles, concorda — e vê na defesa do general Leônidas a revelação de que o próprio Planalto já admite não insistir mais nos cinco anos. "Será bom para o Brasil e para Minas as eleições gerais, porque poderemos eleger um governador identificado com as tradições mineiras", argumentou Salles, fazendo uma referência clara ao governador de Minas, Newton Cardoso, que é baiano.

Mudanças no PDS? Não há tempo.

Pelo menos até as próximas eleições municipais, o PDS não mudará de nome, não será extinto — mesmo porque não há tempo para medidas como essas — e participará do pleito com candidatos próprios ou apoiando candidatos de outros partidos. A decisão foi tomada ontem pela Executiva Nacional, que rejeitou a tese de eleições gerais este ano e criou uma comissão de especialistas para examinar o pacote fiscal.

Mudanças no Ministério? "Não", diz Sarney.

"Não", foi a rápida resposta do presidente José Sarney aos jornalistas ontem, após a posse de Mailson da Nóbrega no cargo de ministro da Fazenda, quando lhe perguntaram se haveria novas mudanças na sua equipe. Um dos ministros confidenciou que, antes de aprovada a Constituição, só sai um ministro: Aníbal Teixeira, que vai se candidatar a prefeito de Belo Horizonte.

Mudanças no PFL? Nem pensar.

O deputado José Lourenço (BA) deverá ser reconduzido à liderança do PFL na Câmara e na Constituinte, através de moção de confiança em processo de assinatura desde o dia 5. Até mesmo seus adversários reconhecem sua vitória antecipada, que importará em derrota da cúpula partidária — integrada por Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Carlos Chiarelli, Alceni Guerra, entre outros — que considera Lourenço "muito à direita".

Desconfiança

Mas o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Vicente Paulo da Silva, recebeu com preocupação a declaração do ministro. Ele teme que a distância entre o discurso e as atitudes seja maior do que possa imaginar. "É como se fôssemos a um galinheiro cuidado por raposas e, de repente, elas dissessem que estaríamos livres e, em seguida, nos pegassem", comparou o sindicalista. Mas ele admite que a opinião do general seja coerente. O fato de não confiar nessa afirmação, segundo ele, está ligado às posições defendidas pelas Forças Armadas em relação às eleições diretas por mais de 20 anos: "É muito difícil acreditar nisso agora".

Para que isso seja possível, o primeiro passo será a Constituinte confirmar os quatro anos de mandato para Sarney, já aprovados na Sistematização. O governador Quércia está convencido de que a tese virará, "porque é um pensamento de todas as camadas sociais". De fato, o mandato de quatro anos vem conquistando cada vez mais adeptos. O presidente das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, César Rogério Valente, reconhece que o processo eleitoral "não resolverá os problemas do País, mas vai aprimorar o processo democrático". "A situação está tão confusa e há tantas incertezas, que a única saída parece ser mesmo a das eleições gerais em 1988", concordou ontem o presidente do Centro das Indústrias da Paraíba, Guilherme Rabay, que em princípio defendia os cinco anos.

Sarney: seis horas em Ibiúna. E sem tempo para o povo.

O presidente José Sarney embarca hoje às 7h15 para São Paulo, onde vai inaugurar, na cidade de Ibiúna, o sistema de transmissão em corrente contínua de Itaipu. O presidente viajará acompanhado do ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, e deve retornar a Brasília às 13h35.

De acordo com o programa oficial distribuído pelo Palácio do Planalto, o presidente Sarney se deslocará de Congonhas até Ibiúna às 9h15, de helicóptero. Ele visitará a sala de controle principal da subestação de Furnas em Ibiúna, o prédio das válvulas conversoras e se deslocará, a pé, até o local da cerimônia da inauguração do sistema de transmissão de corrente contínua. Estão previstos discursos do presidente Sarney, do presidente de Furnas, Camilo Pena, do ministro Aureliano Chaves.

Os 60 mil habitantes de Ibiúna, município agrícola da região de Sorocaba, esperam com expectativa a visita de Sarney à sub-estação da Empresa Furnas, que distribuirá a energia elétrica recebida de Itaipu para toda a região Sudeste do País. O presidente e sua comitiva não irão até a cidade, apesar das insistências do prefeito José Vicente Zozito Falci, e das faixas de saudação que ontem eram colocadas em várias ruas. É a primeira vez que um presidente da República visita o município.

Em Ibiúna a população quer ver o presidente, mas tem pouca esperança de que Sarney consiga resolver os problemas econômicos do País, principalmente aqueles ligados à agricultura, que mais interessam à população local. Cerca de 60% dos ibiunenses residem na zona rural e a cidade sobrevive basicamente da agricultura.

O ano passado foi particularmente ruim para a maior parte dos agricultores. Só com a cultura de batata cerca de 1.200 lavradores do município tiveram prejuízos que ultrapassam Cz\$ 1 bilhão.

HISTÓRICOS: UMA LUTA VAZIA.

O grupo "histórico" do PMDB, na reunião deste sábado pela manhã, no auditório Nereu Ramos, da Câmara, deverá apenas fixar posição em dois pontos: defender a votação o mais rápido possível da nova Constituição e a realização, ainda neste ano, de eleições presidenciais.

Pelas informações de seus principais líderes, que ontem à noite conversaram com o ex-governador Franco Montoro, no Hotel Nacional, não há, por enquanto, ambiente para definir o "rompimento já" com o governo Sarney, nem para o imediato lançamento de nomes peemedebistas como candidato a presidente da República. "Os presidenciais" do PMDB são os mesmos que a imprensa vem mencionando, nem mais, nem menos" — disse um deles.

A tendência registrada entre os "históricos" é a de não precipitar a formalização do rompimento com o governo. Os senadores José Richa, Mário Covas e Fernando Henrique, por exemplo, acham que a indicação de um técnico, Mailson da Nóbrega, para o Ministério da Fazenda, sem interferência direta ou indireta do PMDB, aumenta a distância entre o partido e o governo.

Richa, Fernando Henrique e Mário Covas entendem que a tomada de posição pelas eleições em 88 — fixando em quatro anos o mandato de Sarney — será mais uma demonstração de independência do PMDB diante do Palácio do Planalto. Os deputados Pimenta da Veiga e Euclides Scalco, entre-



Históricos: sem rompimento.

tanto, continuam defendendo o afastamento formal do partido do governo Sarney, inclusive com a devolução de todos os cargos de confiança, a começar pelas pastas ministeriais. "Os que desejarem permanecer estarão à margem do verdadeiro PMDB" — observou Pimenta da Veiga.

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, afirmou que o presidente Sarney deveria também fazer sua opção e, tudo indica, observou, seria pelo Centrão. Na sua opinião, "seria muito bom que o presidente e o governo optassem pelo apoio político-parlamentar do Centrão, assim as coisas ficariam mais claras". Na questão sucessória, líderes e dirigentes do PMDB dizem que os "presidenciais" já são conhecidos, cabendo à convenção nacional, oportunamente, definir um deles entre Ulysses Guimarães, Mário Covas, José Ri-

cha, Fernando Henrique, Orestes Quércia, Waldir Pires — por exemplo, todos reconhecem que na convenção partidária Ulysses é imbatível.

Em Belém, o governador do Pará, Hélio Gueiros comentou que o movimento dos "históricos" é passageiro. "No fim, como sempre, o PMDB estará unido para as eleições". Gueiros considera normal o comportamento de determinados políticos do grupo dos "históricos", "mas deles não comungo nem partido".

Geraldo Melo, governador do Rio Grande do Norte, considera "inoportuna" qualquer articulação para o lançamento de um candidato do PMDB à presidência: "Isso vai atingir unidades do PMDB. É um erro empenhar o partido numa corrida presidencial quando não se sabe ainda, sequer, se vai haver eleição".

No Rio, o cientista político Hélio Jaguaribe já entregou ao senador José Richa os estudos encomendados por algumas lideranças do PMDB sobre a crise brasileira, com uma análise da situação e propostas de solução a curto e médio prazos. "Não é um plano de governo para um futuro candidato do PMDB. Isso seria muita pretensão", disse Hélio Jaguaribe. Como parlamentarista convicto, Jaguaribe acha que o importante é seguir a sugestão de Ulysses Guimarães e inverter a pauta da Constituinte votando logo e em primeiro lugar o regime de governo e o mandato de Sarney.

Paulo Egydio cansou-se do PMDB

Mostrando-se nitidamente decepcionado com o atual quadro político nacional, denunciando as contradições existentes dentro dos vários partidos políticos e saudosos dos tempos em que existiu o PP — Partido Popular — de Tancredo Neves, do qual foi um dos principais líderes em São Paulo, o ex-governador Paulo Egydio Martins oficializou ontem seu desligamento dos quadros do PMDB, mas com uma grande esperança: o surgimento de um novo partido, nos moldes do extinto PP, que possa abrigar políticos como Olavo Setúbal, Antônio Ermírio de Moraes, entre outros, e quem sabe até disputar a Presidência da República na sucessão do presidente José Sarney.

O ex-governador Paulo Egydio Martins filiou-se ao PMDB no dia 13 de novembro de 1984 a pedido de Tancredo Neves e o governador Orestes Quércia foi quem abonou sua ficha. Ele deixa o partido com má impressão de Quércia, em sua administração estadual, por gastar verdadeiras fortunas em publicidade para anúncio de obras. Paulo Egydio lembrou que não fez gastos desse porte quando governou São Paulo e garantiu que quando mais aumentam os gastos diminuem as obras, porque diminui o dinheiro dos cofres públicos. A decisão de deixar o

PMDB já vinha sendo cogitada pelo ex-governador há algum tempo e deveria concretizar-se mais para frente. Mas os fatos políticos a precipitaram.

Para o ex-governador, hoje se assiste a uma verdadeira falta de identidade nos partidos políticos, formação de grupos e mais grupos dentro da Constituinte comprometendo e desrespeitando programas partidários, uma verdadeira confusão para o cenário político nacional, tendo até surgido o grupo dos chamados "históricos do PMDB". Paulo Egydio afirmou que a partir do momento em que até grupo de históricos vem se formando no PMDB ele não tinha mais nenhuma razão para permanecer nesse partido, porque nunca foi peemedebista histórico, tendo ingressado neste por contingência política. O ex-governador acha que hoje falta um partido político como o extinto PP com doutrina ideológica e programática definida, para que se possa governar. Segundo ele, a crise econômica não deixa de ser consequência também da crise política.

Paulo Egydio revelou que conversou recentemente com o empresário Antônio Ermírio de Moraes e que ambos sentem hoje as mesmas dificuldades na política, pela falta de partidos com programas de governo

viáveis, estando todos os partidos demasiadamente frágeis. Lembrado de que Antônio Ermírio tem pretensões de disputar a Presidência da República e dito tempos atrás que seu partido do coração é o PTB, o ex-governador Paulo Egydio afirmou que essa é uma questão difícil. "Pergunto eu com que políticos é que Antônio Ermírio poderia governar se os partidos que estão aí são o que são?", diz ele, esperançoso no surgimento de um novo partido que possa ter Ermírio e Olavo Setúbal juntos.

O ex-governador comentou ainda que não acredita na ausência definitiva do ex-prefeito Olavo Setúbal da vida política nacional. Embora Setúbal tenha dito que não voltaria mais à política, Paulo Egydio observou que sua posição poderá mudar futuramente se houver uma reestruturação do quadro partidário do Brasil. Essa reestruturação, segundo o ex-governador, parece ser inevitável após o término dos trabalhos da Constituinte. Ele acha que após a promulgação da Nova Carta deverá ocorrer também uma reaglutinação das várias correntes políticas que se encontram misturadas hoje em todos os partidos, com incorporações, fusões de agremiações e surgimento de outras.